

Mídia e memórias: explorações sobre a configuração dos palimpsestos midiáticos de memória étnica italiana

*Jiani Adriana Bonin*¹

RESUMO

O artigo trata de uma pesquisa que tem por objetivo investigar a mediação da memória étnica, a fim de compreender como as mídias atuam na constituição dessa modalidade de memória no âmbito da recepção. São recuperadas linhas teóricas que norteiam a investigação e discutidos dados de uma pesquisa exploratória, realizada com imigrantes e descendentes de imigrantes italianos, que permitem reconhecer marcas da ação da mídia e de outros agentes na constituição da memória étnica desses sujeitos.

Palavras-chave: Mediação da memória; memória étnica; recepção; italianos.

RESUMEN

El artículo trata de una pesquisa que tiene por objetivo investigar la mediación de la memoria étnica para comprender cómo los medios de comunicación actúan en la constitución de esta modalidad de memoria en el ámbito de la recepción. Son recuperadas líneas teóricas que nortean la investigación y discutidos datos de una pesquisa exploratoria, realizada con inmigrantes y descendientes de inmigrantes italianos, que permiten reconocer marcas de la acción de los medios de comunicación y de otros agentes en la constitución de la memoria étnica de estos sujetos.

Palabras-clave: Mediación de la memoria; memoria étnica; recepción; italianos.

¹ Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Co-coordenadora do Grupo de Pesquisa Processos com da mesma instituição. Foi professora visitante da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB-Espanha) em 2005 e 2007, no Departamento de Publicidad y Comunicación Audiovisual (doutorado).

ABSTRACT

This article talks about a piece of research that aims to investigate the mediatization of ethnic memory, in order to understand, within the field of reception, how the media operates in the formation of this type of memory. The paper recovers theoretical lines that guide the investigation and discusses data of exploratory research conducted with Italian immigrants and their descendents. This allows us to recognize the role of media and other agents in the formation of the ethnic memory among these subjects.

Keywords: Memory mediatization; ethnic memory; reception; Italians.

Introdução

O fenômeno de emergência de uma *cultura da memória*, contemporaneamente marcada pela atuação da *indústria cultural*, vem merecendo a atenção de pesquisadores de diferentes campos, entre eles, o da comunicação.² Num cenário de midiaticização da sociedade, as mídias passam a operar também no âmbito da produção das memórias sociais, participando dos processos de configuração e transformação dessas memórias no universo da recepção. Considerando tal fenômeno, um âmbito importante para pensar a ação das mídias é o relativo à constituição da memória étnica. Nesse âmbito, é possível verificar um investimento histórico e atual de mídias e gêneros diferentes nessa modalidade de memória, seja a relacionada a descendentes de imigrantes de grupos que vieram no período da colonização, seja de outros grupos de imigração contemporânea.³

Tais preocupações e constatações me levaram a formular diversos questionamentos sobre: a ação da mídia na configuração da memória de sujeitos desses grupos no âmbito da recepção; as memórias que são construídas/ativadas/atualizadas e os esquecimentos que aí se instituem; as possíveis relações entre mídia e outros âmbitos de constituição dessa memória e as lutas simbólicas que aí se expressam. Essas questões são norteadoras da pesquisa *Mídia e memórias: palimpsestos midiaticizados de memória étnica na recepção*,⁴ cujo objetivo geral é investigar os *palimpsestos* de memória étnica de descendentes de imigrantes e de imigrantes italianos e argentinos, buscando compreender como as mídias atuam e se articulam com outros agentes na configuração das memórias dos sujeitos desses grupos. A escolha dos grupos foi feita levando em conta sua presença na mídia, particularmente a regional, e para pensar distinções que se dariam por conta das diferenças dessas migrações (histórica/temporânea) e de cobertura na mídia.

2 Entre eles Huyssen (2000, 2005), Candau (2002), Montesperelli (2004), Berger (2005).

3 Ver por exemplo os trabalhos de Bonin (2007), Cogo (2006) e Oliveira (2007).

4 O projeto dessa pesquisa, sob minha coordenação, teve início em fevereiro de 2006. Conta com financiamento da Unisinos (estrutura e bolsa de iniciação científica) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs) (bolsa de iniciação científica). São membros da equipe que executa o projeto os bolsistas Bruno S. Alencastro, Daniela Cristina Machado e Raquel Piegas.

O propósito deste artigo é apresentar e discutir alguns dados advindos da etapa de pesquisa exploratória, no intuito de pensar as pistas que trazem em relação ao objeto investigado. Antes de adentrar propriamente nesse objetivo principal, julgo ser conveniente recuperar algumas linhas teóricas que alicerçam a problemática da pesquisa e que permitem visualizar a perspectiva desde a qual busco pensar as pistas obtidas.

Delineamentos teóricos da problemática

Em relação às problemáticas teóricas que fundamentam a pesquisa, recupero aqui dois eixos: o primeiro, relativo ao debate sobre a memória coletiva, e o segundo, referente à ação das mídias nos processos de constituição das memórias.

O conceito de *memória coletiva* tem, na obra de Maurice Halbwachs (1990), um marco importante de desenvolvimento no sentido de pensar a dimensão propriamente social da memória. Para ele, a memória individual se assenta e se organiza com base em quadros sociais; carrega consigo a dimensão social dada pela linguagem, pela inserção do indivíduo num contexto social e em relações de pertencimento; ampara-se e constitui-se nas relações que o indivíduo mantém com os demais membros de seus grupos de pertença. A memória coletiva, nesta perspectiva, é pensada como a seleção, a interpretação e a transmissão de certas representações do passado a partir do ponto de vista de um grupo social determinado.

O pensamento do autor acentua o caráter seletivo da memória social, sua força quase institucional, seu papel de reforço na coesão social pela adesão afetiva ao(s) grupo(s) de pertencimento. Mas isso não significa, a meu ver, que não reconheça sua interação com a dimensão individual da memória. Ela é pensada pelo autor como um ponto de vista sobre a memória coletiva, que muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa no grupo e as relações que mantém com outros âmbitos sociais.

Levando em conta a proposta desse autor, já se afigura a ideia de que uma memória de grupo unificada (tanto quanto a de sociedade) é problemática. Se tal memória existe, só pode ser fruto de cruzamentos e

integrações de distintas memórias (e da instauração de diferentes formas de esquecimento), como bem observa Montesperelli (2004). O conceito de memória coletiva conserva fecundidade para pensar formas de consciência do passado de alguma maneira compartilhadas pelos grupos étnicos. É possível admitir que esses grupos partilham certas “*percepções fundamentais*”, *marcos sociais de memória*, como propõe Candau (2002). Mas, no interior dessas configurações, cada indivíduo pode impor seu próprio estilo, estreitamente dependente de sua história, dos contextos vivenciados, entre outros fatores. Entretanto, por esse ponto de vista, não são problematizados os conflitos e as relações de poder na constituição das memórias.

A noção de *lugares de memória*, recuperada por Candau (2002) do trabalho de Nora, também se afigura como produtiva para essa discussão, à medida que permite pensar a constituição de marcos da memória social como produto do trabalho dos grupos sociais. Remete a uma unidade significativa, de ordem material ou simbólica, a que a vontade de homens (grupos) e/ou o trabalho do tempo converteram num elemento simbólico de uma determinada comunidade/grupo. A ideia de fabricação subjaz nessa definição e permite pensar que os lugares de memória são móveis, produto da articulação de memórias plurais, mais ou menos antigas, com frequência conflitivas e que interatuam entre si, passíveis de reinterpretções diversas e, inclusive, de se tornarem lugares de esquecimento. Tal noção abre a possibilidade de pensarmos na ação das mídias também como agentes de constituição de lugares de memória social.

Numa outra linha, de uma perspectiva construtivista, Pollak (1989) também contribui para a problemática, ao deslocar as preocupações para os processos, sempre conflitivos, as disputas e os atores que intervêm na configuração das memórias. Nessa perspectiva, os marcos sociais de memória são o resultado, nunca adquirido definitivamente, de conflitos e compromissos entre vontades de distintas memórias. Diferentes grupos e agentes competem pela hegemonia sobre os discursos plausíveis e relevantes sobre a memória dentro da sociedade e em seu conjunto.

Seguindo Pollak (1989), é importante considerar a função da memória como “operação coletiva [de seleção/constituição] dos aconteci-

mentos e interpretações do passado que se quer salvaguardar”, que “se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades”. Isso significa considerar que tal memória serve para manter a coesão dos grupos, reforçar sua identidade, mas também suas oposições com outros grupos, fornecendo um quadro de pontos de referência, o que leva esse autor a propor a noção de *memória enquadrada* para pensar a construção de memórias sociais por agentes diversos, atentando para o trabalho de fabricação (que inclui, por exemplo, a escolha das testemunhas autorizadas a falar) e de controle sobre a memória que aí se realizam. Isso nos leva à segunda linha de problematização, a questão da ação das mídias nessas memórias étnicas.

Os conceitos de *midiatização* e de *cultura midiática* vêm sendo propostos para dar conta das alterações substantivas que vêm se dando em termos do redesenho dos modos como a sociedade se estrutura, produz significados, comunica-se, reproduz-se e transforma-se no decorrer do processo de expansão e inscrição das mídias nos diversos âmbitos sociais. Nessa via, pode-se pensar que o processo de midiatização também vem se dando no âmbito das memórias sociais; podemos propor, seguindo Mata (1999), que a mídia vem se instituindo como matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentidos relativos às memórias sociais e, mais especificamente, das memórias étnicas, que nos interessam nesta pesquisa.

Compartilho a proposição de Henn (2006: 179) de que as mídias passam a constituir um “lugar privilegiado para os agenciamentos envolvendo a memória coletiva e, sobretudo, o enquadramento da memória”. Essa noção de enquadramento também é recuperada por esse autor desde a perspectiva da hipótese da *agenda-setting*, em sua proposta de que os produtos noticiosos não apenas definem uma agenda a ser pensada, mas também as formas como pensar essas questões com base naquilo que incluem e excluem das hierarquizações e dos enfoques propostos, segundo suas lógicas próprias, definindo, portanto, o que é relevante da realidade. Nessa linha, é possível pensar nas mídias como produtoras de enquadramentos que podem incidir nas configurações das memórias dos grupos, bem como na instauração de esquecimentos.

Por outra parte, é importante levar em conta as modificações atuais da memória em sua relação com a transformação da estrutura da temporalidade social e da experiência do tempo, provocada pela interseção complexa entre mudança tecnológica, mídia e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global, assim como em relação à planificada obsolescência dos objetos cotidianos pelo mercado – da qual faz parte a acelerada sincronicidade produzida pelos meios. Estas, aliadas ao descentramento das ancoragens identitárias, parecem levar à vitória do presente e instauram o risco da amnésia. Entretanto, paradoxalmente, parecem gerar também um desejo de passado, que expressa a necessidade de ancoragem temporal que sofrem as sociedades (e os grupos) cuja temporalidade é atingida pela revolução tecnológica informacional, manifestando a transformação profunda por que passa a estrutura de temporalidade que herdamos da modernidade. Transformação que destabiliza o lugar do passado como lastro e faz da *novidade* a fonte de legitimidade cultural (Martín-Barbero 2001; Huyssen 2005).

Numa discussão articulada à anterior, Martín-Barbero (2006) fornece outras pistas para pensar a ação das mídias sobre as memórias, ao refletir sobre a fragmentação dos relatos que se instaura via o que ele chama de ecossistema discursivo dos meios, com suas linguagens e escrituras específicas. As mídias instauram novos modos de narrar, condicionados por seus dispositivos, gêneros e linguagens, potenciando a coexistência de códigos e relatos diversos, que incidem sobre a experiência de conformação dos relatos de memória. Hoje, a experiência multifacetada da recepção, configurada por múltiplos *palimpsestos* midiáticos de memória, e as especificidades da gramática narrativa dos relatos midiáticos instituem uma experiência de fragmentação/proliferação dos relatos.

Na esteira dessas proposições, penso que a memória étnica deve estar sofrendo transformações e que a mídia pode estar atuando como agente importante de configuração e transformação dos *lugares ou enquadramentos de memória* – produção marcada por suas matrizes, seus gêneros, suas modalidades narrativas e sua racionalidade de produção de sentido – assim como de esquecimentos. Entretanto, em sua configuração, é possível pensar que se inscrevem marcas coletivas/individuais fabricadas

em *outros lugares*: que vêm da experiência cultural e vivencial dos sujeitos, constituídas desde seu lugar social, dos contextos de seu mundo da vida e das redes de relações que aí se estabelecem – que podem ser pensados como mediações (Martín-Barbero 1997).

É atentando para o jogo conflitivo entre esses *outros lugares* e a ação da mídia que se abrem possibilidades produtivas para entender a conformação desses *palimpsestos* midiáticos de memória, dos conflitos que os marcam e do sentido particular que adquirem. A noção de *palimpsesto* é originalmente utilizada por Martín-Barbero (1997) para pensar a trama de textos e de matrizes culturais presentes nos gêneros; e ainda por Martín-Barbero & Germán Rey (2001: 63) para pensar em textos nos quais “um passado apagado emerge tenazmente, embora imprecisamente, nas entrelinhas escritas pelo presente”. Aproprio-me dela para pensar a trama de referentes, midiáticos e não-midiáticos, que se inscrevem na memória étnica dos sujeitos dos grupos investigados.

Pistas da pesquisa exploratória com italianos

A pesquisa empírica está sendo concretizada em duas etapas: uma exploratória⁵ que objetivou, a partir de uma amostra diversa, recolher pistas para deslindar aspectos da problemática investigada, assim como orientar a execução da etapa sistemática da investigação, que será realizada com uma amostra de sujeitos participantes da primeira etapa, considerando distinções que se mostrem relevantes para entender a configuração das memórias midiáticas nesses grupos, por meio de relatos de vida étnica comunicacional/midiática, observação e fotografia.

Para fins desta discussão, trabalharei dados de duas entrevistas da etapa exploratória, realizadas com um imigrante italiano (homem, 26 anos) e uma descendente de imigrante italiano (mulher, 51 anos), escolhidos por apresentar configurações diversas de memória e de ação da mídia

5 Essa etapa foi realizada com uma amostra de 18 italianos e de 13 argentinos, de composição diversa em relação a escolaridade, profissão, sexo e trajetória de vida – dimensões que consideramos importantes para pensar diversidades de configuração de memórias midiáticas – a partir de uma entrevista semiestruturada.

nessas memórias relativas ao grupo italiano. Ao mesmo tempo, eles revelam certas recorrências encontradas em outras entrevistas realizadas nessa etapa. Na sequência, reconstruiremos os relatos de cada entrevistado com base em dois eixos que interessam à problemática e que nortearam a entrevista exploratória – *agentes/cenários de memória e referentes de memória*, tanto midiáticos como comunicacionais – buscando perceber pistas de suas relações, imbricações e conflitos.

Maria do Rosário

Atualmente com 51 anos, essa dona de casa tem ensino médio completo, é filha de pai nascido na Itália e de mãe brasileira. Nasceu no Uruguai e, aos 19 anos, veio morar em Bento Gonçalves (RS). Há nove anos vive em Novo Hamburgo (RS). Em seu relato, percebe-se que o *pai* foi um agente importante na construção de uma memória de natureza familiar sobre sua infância na Itália, as brincadeiras, o trabalho, os parentes que lá ficaram, que vão se revelando ao longo da entrevista como significativos no sentido de constituir laços afetivos com a Itália e com a cultura italiana. Também foi responsável pela transmissão da língua (dialeto), além de outras práticas culturais, como a alimentação, que ela diz ainda conservar atualmente.

Nessa trajetória de imigrante, Maria construiu vínculos e relações significativas com *descendentes de italianos* nos lugares onde morou. O lugar onde viveram no Uruguai era, de acordo com seus relatos de memória, situado numa região de muitos vinhedos e o pai mantinha relações com descendentes de italianos que conservaram a língua. A vinda para Bento Gonçalves aparece como marca significativa de constituição da sua memória e pertença italiana, de natureza diversa daquela constituída nas relações com o pai. Ali, nas *relações comunicacionais do cotidiano*, no qual se destaca a *família extensa*, lembra de ter vivenciado e incorporado hábitos e práticas culturais italianas da região, além de passar a compartilhar da memória dos antepassados da família do marido (descendente de imigrantes italianos) a partir do seu casamento, das dificuldades vividas e dos seus costumes, principalmente pela

sogra. Em seu relato, também aparecem marcas de uma memória da repressão vivenciada pelos familiares do marido durante a campanha da nacionalização, que foi transmitida nessas redes de convivência familiar. Nesse contexto, destacam-se também cenários “institucionalizados” de relações com a memória e a cultura italiana: *festas*, como a Fenavinho, da qual participou trabalhando em uma das edições; *museus*, como o de Bento Gonçalves, marcante também porque a sogra colaborou com o acervo doando uma peça fabricada pelo avô, e o museu e ambiência da Casa de Pedra, de Caxias do Sul; as *vinícolas* da região, por meio de visitas e passeios. Nesses cenários, a memória é configurada por vários agentes e é submetida, entre outras lógicas, também à comercial e turística. Seu relato permite ver que esses cenários atuaram na constituição de referentes de uma memória local (Bento Gonçalves) e regional (região da Serra Gaúcha) e de uma vinculação afetiva e de pertença a esse lugar e região italianos.

Na memória de referentes midiáticos, aparecem com relevo aqueles advindos das mídias locais e regionais (Bento Gonçalves, contexto da Serra Gaúcha). Na Rádio Bento (localizada em Bento Gonçalves), lembra de escutar um programa em italiano, com piadas e notícias da região; no jornal *O Semanário* (Bento Gonçalves) recorda de uma coluna escrita em italiano. Um tema que lembra ter visto nesse e em outros jornais é relativo às festas ExpoBento (Feira de Indústria e Comércio de Bento Gonçalves) e Fenavinho. As marcas mais significativas aparecem nas lembranças de documentários assistidos na RBS TV (ela aponta como marcantes), nas quais se pode vislumbrar certo modo de enquadramento constituindo os sentidos dessa memória, calcada nas dificuldades, no espírito de empreendimento, em valores como força de vontade, perseverança e na exaltação das conquistas dos imigrantes:

Eu vi nesses documentários [...] mostrou desde que eles chegaram, todas as dificuldades que eles passaram quando eles chegaram aqui, até conseguir construir uma estrutura que facilitasse um pouco mais a vida deles. Eles chegaram aqui sem nada e tiveram que plantar pra conseguir comer, caçar o que aparecesse no meio do mato para conseguir alimentar a família e aí mostraram o que eles conseguiram hoje, o que significa pro Estado hoje o fato deles terem vindo. Porque se tu imaginar que eles chegaram

aqui com os filhos e uma trouxa de roupa e mais nada, e deram um pedaço de terra numa encosta de terra e hoje tu vês cidades como Bento, Caxias, Farroupilha e Garibaldi! Bento foi considerada um ano atrás a segunda melhor cidade pra viver, saúde, saneamento, tudo mais. Como aquela trajetória conseguiu dar um resultado como esse! É uma questão de admiração por saber que pessoas... chega até a emocionar, pessoas que chegaram aqui com fome, sem dinheiro, que foram distribuídos que nem animais praticamente “Tu fica aqui, tu fica ali”. [...] Mas eles com a perseverança, a vontade, a garra, conseguiram fazer uma cidade como Bento, como Caxias, que são polos na economia do Estado, muitas até do Brasil. Eu acho que isso é uma coisa que a gente tem que tirar o chapéu e bater palmas, porque eles conseguiram.

Esse enquadramento da memória italiana, pelo que pude observar em pesquisa anterior (Bonin 2007), está presente na cobertura regional que a RBS realiza desse grupo étnico. Mas é possível suspeitar que foi constituído também no contato com outras mídias locais e regionais e nas relações comunicacionais vividas no contexto de Bento Gonçalves, entre outros possíveis cenários. Nesse sentido, é possível pensar que a mídia televisiva regional, no caso a RBS, figura como agente importante na instituição dessa matriz de enquadramento da memória étnica, mas também se articula com a seleção do passado trabalhada por outros agentes desse contexto local/regional.

Além desses referentes de uma memória midiaticizada, Maria também se lembra de ter assistido a telenovelas que falavam sobre a história dos italianos, embora não consiga especificar quais. Ao observar sua fala ao ser solicitada a avaliar como a mídia brasileira mostra os italianos, pode-se perceber que ela assume o ponto de vista relativo ao enquadramento anterior (local/regional) como aquele que deveria orientar a construção da memória, expressando sua força ao contestar referências provavelmente advindas da memória de telenovelas, como se pode ver no trecho seguinte do seu relato:

Eu acho que poderia mostrar um pouco mais e dar o valor que eles realmente têm [...]. Principalmente o italiano que veio na época pra região de São Paulo, ele é como se fosse muitas vezes um escravo que veio substituir o negro na época da abolição. [...] O italiano que veio na época substi-

tuir aquele pessoal que trabalhava nas plantações de café, ele também é mostrado até hoje como uma pessoa sem valor e muitas vezes não é dado o valor que ele teve. Eu acho que deveria ter um documentário, alguma coisa que mostrasse o que ele conseguiu fazer e o que hoje significa ele ter vindo pra cá, pro Brasil, pro Estado, a importância do que ele deixou hoje, do que ele tem feito hoje e como ele chegou aqui. Vê que ele não foi um substituto ou uma pessoa sem valor que veio pra plantar café, mas foi uma pessoa que teve muita coragem pra lutar, pra enfrentar os obstáculos que ele encontrou, que foram muitos, e conseguir vencer.

Em seu relato, ela também cita referentes midiáticos globais que passaram a constituir sua memória relativa à Itália. Nesse caso, a televisão italiana (RAI) e a internet parecem tanto preencher lacunas de uma memória relativa à Itália, construída na relação com o pai, como fortalecer os vínculos afetivos com esse país. Aqui, as lógicas e os agendamentos dessas mídias também passam a se instituir como referentes dessa memória, que vão se articulando com aquela configurada na relação com o pai.

[...] e a gente assiste todo dia à TV italiana que a gente pega na TV a cabo, a RAI. A gente assiste sempre, principalmente nos domingos de manhã que eles mostram uma região da Itália, mostram desde as paisagens, a gastronomia, a economia, tudo tu vê ali, tu aprende muita coisa, te mostram muita coisa. [...] eu vejo hoje a TV que me mostra a parte da Itália e eu sinto que é como se tu tivesses vivido outra vida e tivesse sido lá e hoje tu sente que ainda tem um pedaço que está lá. É uma coisa estranha, até difícil de explicar, mas eu sinto isso.

Até esses dias eu entrei na internet e andei navegando pra conhecer a cidade, porque eu não conheço, só sei daquilo que ele [o pai] contava pra gente. Eu vi que é uma cidade muito linda, com prédios históricos, fiquei louca de vontade de conhecer, de passear por lá. Ele contava que ele pescava, brincava na neve, eles cultivavam parreiras, então ele trabalhava desde pequeno colhendo uvas. Mas ele achava aquilo muito bonito, ele conseguia passar pra gente, fazia aquela imagem do lugar, uma coisa que tu sente saudade. Mas em função da crise, da guerra, ele achou melhor vir para a América, tentar.

O consumo de música italiana também é apontado como referente de memória da italianidade, atualizado na escuta cotidiana. As músicas

da telenovela, assim como de cantores italianos e brasileiros constituem parte da configuração dessa memória: “Eu estou sempre ouvindo, eu comprei aqueles temas de novelas em italiano, ele tem o *Fortíssimo* [coletânea] que é música italiana. Eu adoro! Tudo que eu faço, eu faço ouvindo esses CDs. Eros Ramazzotti, Renato Russo em italiano”.

É interessante notar que essas memórias são constitutivas de uma identidade italiana que, embora pareça ter mais relevo, coexiste com outras memórias e posições de identidade, como a uruguaia, a brasileira e a gaúcha:

[...] eu sou uruguaia, nasci lá, mas é que desde pequena eu tive a influência, o meu pai falava em italiano, o meu pai ensinou a minha mãe a fazer as comidas da Itália. [...] Eu me sinto brasileira, mas eu acho que a porção italiana fala mais alto, não sei o porquê. [sobre sentir-se gaúcha] Claro, até porque no Uruguai tinha os costumes, eram “gautios” também, aqui os costumes continuam sendo parecidos e até porque eu moro aqui há 34 anos, tenho dois filhos e casei com um gaúcho.

Giovanni

Esse jovem-adulto, de 26 anos, com ensino médio completo, nasceu na Itália, onde viveu até os 15 anos. Veio para Novo Hamburgo viver com o pai, onde trabalha numa empresa que vende equipamentos para produção de calçados. Está há onze anos no Brasil. Os relatos de Giovanni permitem pensar que *a experiência de migração para o Brasil* representa uma marca importante na sua memória: num primeiro plano, porque o levam a experimentar e vivenciar um novo contexto, no qual passou a se relacionar com referentes culturais distintos, com práticas e significações relativas à italianidade e à memória italiana constituída no contexto da imigração italiana no Rio Grande do Sul – que também passaram a constituir suas memórias; num segundo plano, relacionado ao primeiro, porque essa experiência, da qual participam as mídias e suas construções relacionadas à imigração italiana, além das relações comunicacionais, também se instituem como elementos de alteridade e de afirmação da memória anterior à imigração para o Brasil.

A experiência da imigração, na trajetória desse jovem, não se configura como ruptura com relações pessoais e com referentes relacionados ao país de nascimento. Isso porque, além das viagens anuais à terra natal, o jovem se relaciona quase que diariamente com familiares, amigos e pessoas do mundo do trabalho na Itália, principalmente por meio de ferramentas digitais como MSN, Skype e e-mails, além do telefone e de cartas. Também entra em contato com a realidade italiana pela internet e por jornais. Essas relações midiáticas se instituem como cenários em que a memória de relação com o país e com a cultura italiana vão se constituindo e se atualizando nas condições da imigração. Uma memória, em se tratando da mídia, submetida à lógica da atualização constante por meio de fatos e acontecimentos agendados e enquadrados pela mídia jornalística principalmente.

Entre as mídias que o jovem utiliza para tomar contato com o país, destaca-se a internet e, por meio dela, o acesso às estações de rádio italianas, que Giovanni afirma escutar diariamente, desde que chegou ao Brasil, atualizando-se em relação às “notícias diárias”, em particular “da região onde morava”. Uma das rádios que cita é a *Monte Carlo*, que ouve utilizando o Windows Media Player. Nessa escuta, também se destaca a relação com a *música* do país, elemento importante dessa memória em constante atualização, que ainda é alimentada pelo consumo de DVDs e CDs de música italiana, comprados particularmente quando viaja à Itália.

O jovem cita também *filmes italianos* (não especifica quais) que costuma comprar ou que as pessoas lhe trazem da Itália, como referentes dessas relações com o país. *Jornais impressos* do país (*Corriere Della Sera*; *La Gazzetta Dello Sport*) também são indicados como elementos de constituição dessa memória recente, mas sua compra é mais esporádica, acontece quando faz viagens a São Paulo a trabalho.

Na memória de italianidade constituída na infância e adolescência na Itália, que continua vigente alimentando a pertença, destacam-se referentes relativos à religiosidade, às fortes relações familiares, à língua, particularmente, aos dialetos e sua história, à música e à culinária, além de lembranças relacionadas às condições de vida na Itália. Outra marca

da memória familiar é a experiência da guerra vivida pelos avós, que se configura pelo que ouviu e pelo que foi silenciado.

É interessante perceber que essas marcas de uma memória constituída nas relações comunicacionais do cotidiano vivido na Itália (onde a família, entre outros, parece ter sido um cenário importante) são mobilizadas enquanto elementos que vão alimentar processos de distinção com o que seria uma italianidade à brasileira (relativa à memória e à cultura italiana constituída no contexto do Rio Grande do Sul). Nesse sentido, as experiências vividas no novo contexto, tanto no âmbito das relações comunicacionais como midiaticizadas, vão se configurando como memória de alteridade, distintiva daquela relativa à vida na Itália. Isso porque o jovem não reconhece essa memória como sua, mas como outra, distinta. O que revela a persistência de marcas significativas da vida na Itália que continuam vigentes na constituição de sua memória e sentimento de pertença, como matrizes que funcionam como operadores de apropriação dessa outra memória.

o que eu me lembro de cultura, de tradição, é bem diferente do que a gente vê aqui da cultura italiana, que é tudo polenta, galetto. [...] talvez as pessoas que trouxeram a tradição italiana pra cá, é [sic] do final do século XVIII, então, se passou um século, então é uma diferença. As músicas que a gente escuta aqui dos italianos é uma música bem mais antiga. [...] Os descendentes dos imigrantes italianos da época eram de uma outra situação, outra realidade, antes da guerra ou no próprio período de guerra.

Concretamente, a relação com a cultura e a memória italiana no novo contexto se faz pelos espaços comunicacionais e também pela mídia. Em relação aos espaços comunicacionais, um importante cenário é a *Società Italiana de Novo Hamburgo*, da qual participa como professor de italiano – atividade que realiza há três anos. Para ele, esse espaço é um lugar de rememoração “pra eu lembrar do meu italiano. Eu vim pra cá com 15 anos, então se eu não praticar o meu italiano, bem como eu pratico o português, daqui talvez mais 15 anos eu vou esquecendo”. Nesse espaço, ele parece desempenhar um papel de agente de constituição de uma memória da cultura relativa à Itália e aos italianos. Já participou também de festas e eventos promovidos por essa associação, e de outras

festas italianas da Serra Gaúcha, como a Festa do Queijo, em Carlos Barbosa.

A memória advinda da mídia regional é definida por ele nos seguintes termos: “a raça italiana é sempre bem vista em qualquer aspecto”. Essa fala expressa o reconhecimento de uma linha geral de construção dessa memória na mídia regional. Por outro lado, ele questiona certos enquadramentos de memória da cultura italiana presentes na mídia e em outros cenários, com base em seus referenciais de memória da Itália, reafirmando a distinção do italiano da Itália em relação ao brasileiro. É possível perceber isso melhor no seguinte depoimento, quando ele é solicitado a avaliar o modo como a mídia mostra a história e a cultura dos italianos:

Do que eles dizem, dá pra acreditar em 70%, porque tem umas coisas que são um pouco aumentadas, talvez porque parte da mídia é vender. [sobre o que eles “aumentam”] Talvez sobre os costumes. Todo mundo acha que as músicas, *La bella polenta*, que se escuta em várias festas, *Massolin di Fiori...* São coisas de 150 anos atrás. Uma pessoa que hoje mora na Itália, talvez a primeira vez que vai escutar vai ser aqui, numa festa italiana em Caxias do Sul. Mas pra eles aqui é o que se escuta lá, pras pessoas que não conhecem. [...] Pararam no tempo, porque a descendência já veio de pessoas bem mais antigas. Eu mesmo, quando me aproximei da Sociedade Italiana, teve certas coisas que achei diferentes. As pessoas diziam: “Ah, porque na Itália se come salame, copa, queijo”. Não sempre, não é todo dia que tu senta na mesa pra comer isso. [...] Como a ideia de criar o galetto; pra que o galetto? Na Itália, não existe nenhuma galeteria. Porque os descendentes tiveram que comer o que eles tinham, talvez existisse galinha, tinham aves, talvez eles tiveram que matar aves pra poder comer. O jeito que eles assavam, tudo foi criando a cultura do galetto. Polenta frita não se come na Itália. Isso tudo é típico do lugar, a mesma coisa servir massa com polenta, com galetto, com carne de porco, não é cultura italiana isso. Cultura italiana é o primeiro prato massa, nhoque, *capeletti*, segundo prato carne com salada e depois o doce. Já a cultura brasileira pode ter várias coisas e misturar tudo.

Ao ser indagado sobre o que faria se tivesse de realizar uma reportagem sobre a memória italiana, ele reafirma a legitimidade de uma

memória relativa à sua vivência e conhecimentos da Itália, adquirida também pelo estudo (aqui também a história participa):

Uma coisa muito importante, que eu sei e que eu já estudei, embora o italiano seja a língua que é falada em toda a Itália, toda cidade, mesmo que seja pequena, tem seu próprio dialeto. Então, se na Itália existem seis mil e novecentas cidades, tem seis mil e novecentos dialetos, um diferente do outro, que no passado era um meio de comunicação que o povo de outra cidade não podia entender o que era comercializado em tal cidade. Então, eles criaram o próprio dialeto pra se diferenciar e o concorrente não poder entender. Só que isso foi até logo depois da Segunda Guerra [Mundial], agora as pessoas já estão perdendo esse costume. Isso é uma coisa que faz parte da história, que é muito bom saber disso, muito poucas pessoas sabem disso.

Giovanni reconhece também outras significações negativas na construção dos italianos na mídia, “tipo as novelas, que teve várias oportunidades em que o italiano era visto como mulherengo... na área comercial, é sempre o cara que passa a perna. A parte mafiosa do italiano, mas eu também não dou importância”. Aqui também se destaca uma memória midiática de construção do italiano com base em estereótipos, que é questionada e recusada como memória legítima.

Uma marca forte nessa memória midiática relativa aos italianos é a telenovela *Terra Nostra*. Dessa novela, ficaram marcados o casal de protagonistas, a língua, que funciona tanto como elemento de identificação como de distinção e, ainda, sua repercussão e negociação nos grupos de relações aqui e da Itália, onde a novela também foi veiculada. Nota-se que foi objeto de negociação e de significação nessas relações no período, o que também parece ser um elemento importante na constituição dessas marcas de memória.

Eu me lembro que na época que deu a novela *Terra Nostra*, até pelo meu nome. [...] Até porque eles falavam bem italiano na novela, razoavelmente, não bem, bem, bem, mas dava pra entender. Talvez isso que me marcou mais. A produção dessa novela passou em seguida na Itália. [...] Eu sei que todo mundo gostou lá, até, inclusive, lá, a minha mãe estava olhando. Só que lá é dublado, então as pessoas falam em italiano,

então não dá pra saber certo as duas línguas. Lá é tudo em italiano, mas todo mundo gostou.[...] a gente ria quando a pessoa falava errado, quando falava certo “Ah, o cara pronunciou certo ou não”. Isso sim. É, talvez, foi essa novela aí que marcou mais o diferencial.

No caso desse jovem, é possível ver que a memória relativa à Itália é constitutiva da sua identidade. Ele se define como “italiano morando no Brasil”, mas também diz sentir-se um pouco brasileiro:

me sinto brasileiro talvez no falar, no lidar com as pessoas, saber já como as pessoas aqui reagem em certas ocasiões, o lado social. Sinto-me italiano no sentido da minha cultura, da minha infância, de onde eu vim, como eu fui criado.

Considerações sobre as pistas obtidas nos relatos de memória étnica

Para finalizar, recupero as pistas que a reconstrução das memórias realizada anteriormente nos oferecem em relação ao objeto investigado. Os dados relativos à memória desses dois entrevistados – assim como de outros participantes da pesquisa exploratória – permitem ver que a mídia atuou na constituição de suas memórias relacionadas à italianidade. E que, nessa atuação, embora com intensidades e composições distintas, articulam-se mídias diferenciadas como televisão, rádio, jornal impresso, cinema e internet; de caráter local/regional, nacional e global; de gêneros diversos, o que aponta para um atravessamento plurimidiático na composição dos *palimpsestos* de memória desses sujeitos, realidade que se intensifica com os processos de midiatização.

Tentando pensar mais especificamente essa atuação, vemos que a mídia local/regional participa da configuração de certos enquadramentos de memória nos dois casos, ainda que o resultado dessa participação seja diverso. Entretanto, há também fortes indícios de que outros agentes e cenários participaram da constituição desse tipo de enquadramento verificado (familiares, “institucionalizados”), articulando-se à mídia local/regional para produzir a seleção do passado relativo aos italianos na região.

É interessante perceber que, embora a mídia local/regional colabore na produção dessas marcas de memória sobre o grupo italiano no contexto do Rio Grande do Sul, sua presença nos *palimpsestos* de memória desses entrevistados diverge no modo como se relacionam com outros referentes de memória construídos em cenários distintos. Se no caso de Maria essas marcas parecem se articular a outros agentes/cenários em relações de complementaridade; no caso de Giovanni se instituem como lugares de conflito, de produção de alteridade, frente a outros constituídos no contexto italiano e que são assumidos como legítimos. Já no caso das telenovelas, presentes nas marcas de memória midiática dos dois, a relação de alteridade se produz de modo mais marcado na memória de Maria, que questiona a construção da memória italiana na telenovela a partir do enquadramento local/regional, enquanto Giovanni parece expressar tanto reconhecimentos quanto distinções na relação com essa memória.

A relação com mídias (televisão, jornais impressos e internet) que veiculam conteúdos relativos à Itália parece instituir-se como lugar de produção de uma memória mais recente relativa ao país, cuja legitimidade, em princípio, não foi questionada por nenhum dos entrevistados. Esses referentes, submetidos à seleção dessas mídias com base em suas lógicas, seus agendamentos e enquadramentos, passam a compor os *palimpsestos* de memória desses sujeitos e a alimentar os sentimentos de pertença, complementando memórias construídas a partir de relatos familiares (caso de Maria) ou de experiências e de relações comunicacionais e midiáticas vividas no país (caso de Giovanni).

As memórias dos dois entrevistados não se reduzem ao que advém da mídia, mas se alimentam também de referentes advindos das relações comunicacionais cotidianas vividas historicamente com sujeitos desses grupos. A família – e dentro dela certos agentes em cada caso – parece ter um papel relevante na constituição da memória étnica; os relatos sugerem que as marcas e matrizes de memória constituídas nessas relações são significativas mesmo para aqueles que viveram a experiência da imigração e se expressam na constituição das relações e memórias midiáticas, em arranjos de complementaridade e/ou de alteridade.

Referências bibliográficas

- BERGER, C. “Proliferação da memória: a questão do reavivamento do passado na imprensa”, in BRAGANÇA, A. & MOREIRA, S. V. (Orgs.). *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom, 2005, p. 60-69.
- BONIN, J. “Mídia e memórias: delineamentos para investigar palimpsestos midiáticos de memória étnica na recepção”, in *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, nº 2, vol. 3, São Leopoldo, 2006, p. 133-143.
- _____. “Mídia televisiva regional e identidade étnica: a RBS e as configurações da identidade italiana na recepção”, in *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, nº 2, vol. 9, São Leopoldo, 2007, p. 91-103.
- CANDAU, J. *Antropología de la memoria*. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- COGO, D. *Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas*. Rio de Janeiro: E-papers; Brasília: CSEM, 2006.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HENN, R. “Direito à memória na semiosfera midiaticizada”, in *Revista Fronteiras – Estudos midiáticos*, nº 3, vol. 8, São Leopoldo, 2006, p. 177-184.
- HUYSEN, A. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- _____. “Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público”, in BRAGANÇA, A. & MOREIRA, S. V. (Orgs.). *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom, 2005, p. 26-36.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- _____. “El futuro que habita la memoria”, in *PCLA Revista científica digital*, nº 3, São Paulo, 2001, p. 1-18. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista7/artigo%207-1.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2005.
- _____. “Tecnidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século”, in MORAES, D. (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 51-79.
- MARTÍN-BARBERO, J. & REY, G. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Senac, 2001.
- MATA, M. C. “De la cultura massiva a la cultura mediática”, in *Diálogos de la comunicación*, nº 56, Lima, 1999, p. 80-91. Disponível em: <<http://www.felafacs.org/dialogos>>. Acesso em: 20 mar. 2002.
- MONTEPERELLI, P. *Sociología de la memoria*. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.
- OLIVEIRA, R. *Identidades argentinas dinamizadas nas relações midiáticas e comunicacionais de um grupo de imigrantes argentinos, residentes na cidade de Porto Alegre/RS*. 2007. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- POLLAK, M. “Memória, esquecimento, silêncio”, in *Estudos históricos*, nº 3, vol. 2, Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15. Disponível em: <http://www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2007.